

Uma Garota Britânica, Furacões e Desilusões

LAURA
TAYLOR
NAMEY

Tradução de Susane Schmieg



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Uma Garota Britânica, Furacões e Desilusões

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 LAURA TAYLOR NAMEY

ISBN: 978-85-508-2709-4

Translated from original A British Girl's Guide to Hurricanes and Heartbreak. Copyright © 2023 by Laura Taylor Namey. ISBN 9781665915335. First published by Atheneum, an imprint of Simon & Schuster Children's Publishing Division. Translation rights arranged by Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N215 Namey, Laura Taylor

Uma garota britânica : furacões e desilusões / Laura Taylor Namey ; tradução de Susane Schmieg. – 1. ed. –
Rio de Janeiro : Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., 2025.

320 p. ; 13,3 x 20,3 cm. – Alta Novel

Tradução de: A British Girl's Guide to
Hurricanes and Heartbreak.

ISBN: 978-85-508-2709-4

1. Ficção juvenil norte-americana. 2. Romance. 3.
Literatura juvenil. I. Título.

CDD: 813.6

Índice para catálogo sistemático:

813.6 – Literatura norte-americana – ficção –
Autores contemporâneos (pós-2000).

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Coordenadora Editorial: Illyssabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Susane Schmieg

Copidesque: Ellen Andrade



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada a:

ASSOCIADO



*Para Kate Elizabeth,
minha filha linda e extraordinária*

Também de Laura Taylor Namey pela Alta Novel

Uma Garota Cubana, Chás e Amanhãs

Amostra



*A árvore atingida pelo raio é
aquela da qual você se lembra.*

— MARTY RUBIN

Não é difícil se você souber como.

— EDWARD LEEDSKALNIN

Amostra

Maio

WINCHESTER, HAMPSHIRE, INGLATERRA

Mantenho a compostura até meu pai tocar *Clair de Lune*. O som do piano se espalha pela casa, e dezenas de rostos se inclinam na direção da música. Devem estar pensando:

Evelyn adorava essa.

Eu a ouvi tocá-la anos atrás.

Uma canção serena para uma mulher finalmente em paz.

Além da nostalgia e da tristeza inabalável, meu peito se aperta de culpa sob o vestido preto novo e de corte simples. Meus dedos doem nos scarpins de salto baixo de tanto ficar em pé no cemitério envolto pela névoa. De tanto ficar encostada na parede da sala, espremida entre família e amigos enquanto compartilham memórias de Evelyn Maxwell. Minha mãe.

As histórias são lindas. Até eu soltei algumas risadas. E eu tinha certeza de que meu pai não iria — não conseguiria — falar, mas ele falou. Uma breve lembrança do primeiro encontro deles, quando ela derrubou chocolate quente nos dois e ele já estava meio apaixonado.

Eu tinha certeza de que meu irmão mais velho não aguentaria fazer um discurso, reviver as coisas e tal. Mas Orion fez exatamente isso, com Lila ao seu lado, sustentando-o como um alicerce. Amo-a ainda mais por isso.

Agora um primo diz suas últimas palavras, acompanhado por Debussy. Nossa vizinha o substitui ao lado do piano preto da minha mãe, mas hesita como se algo lhe ocorresse.

— Meu Deus, ainda não ouvimos a Flora. — Ela varre o ambiente com os olhos e os poussa em mim. — Eu jamaisalaria antes de você, querida.

Cabeças se viram e meu rosto se transforma em pedra, mesmo com os joelhos cedendo. Parece que algodão enche meus ouvidos, abafando o zumbido das vozes. *A Flora, sim, a Flora. Claro, ela deveria dizer algo. Flora, Flora, Flora.*

— Eu... — É tudo que consigo dizer. Embora minha mãe mereça mil lembranças, não consigo ficar ao lado do piano dela e compartilhá-las. Não é pelo luto de, enfim, perdê-la para o Alzheimer precoce. É mais do que isso, é diferente, e quero que o chão se abra e me engula.

O gentil incentivo permanece, o tique-taque do relógio ressoando na minha cabeça. Gotas de suor escorrem pelo meu pescoço enquanto vejo os rostos dos amigos que vieram hoje. Poderia pedir a qualquer um deles que ficasse ao meu lado enquanto falo. Mas não pedirei.

Caso contrário, posso acabar fazendo algo errado. Minha verdade não cabe em salas como esta.

Antes que meu próximo pensamento se complete, já estou me esgueirando pela minúscula sala de estar e saindo pela porta da frente. Bato-a logo que saio, abafando arfadas, murmúrios e meu nome entonado com pontos de interrogação.

A cada passo, me arrependo de não ter pegado minha câmera na estante. De não ter usado seu familiar peso como forma de apoio, de não a ter mantido pertinho de mim. Corro acompanhada apenas pelo segredo que tinge todas as minhas memórias de cinza. Duas semanas atrás, arruinei o dia em que minha mãe morreu. E só minha câmera sabe.

Querida Flora,

Trago ótimas notícias. O conselho do Centro Greenly votou a favor de nomearmos nossa nova área comum como “*O Espaço da Evelyn*”, em homenagem à sua mãe por seus anos de dedicação à nossa instituição. As reformas serão concluídas em outubro, e um evento espetacular, com cobertura da imprensa, está planejado para o dia da inauguração. Como somos um refúgio para garotas adolescentes, achamos que ninguém seria mais adequado para fazer o discurso de homenagem, honrando Evelyn e seu espírito filantrópico, do que sua amada filha. Em breve envio mais detalhes, mas aguardo sua confirmação.

Atenciosamente,

Kathleen Morrow

Centro Greenly

Amostra

Se aquele homem parasse de ficar olhando para o nada e desse dois míseros passos, meu próximo clique seria perfeito. Preparo minha câmera e paio o dedo sobre o botão do obturador. Esperando. Ele deve ter percebido o bater impaciente do meu pé no chão, porque finalmente se mexe. Agora, sim, está perfeito.

A caminho do trabalho, passei por uma fileira de motos vintage. Esperava que elas ainda estivessem estacionadas no espaço designado, a algumas ruas do salão de chá e doceria da minha família, quando chegasse minha hora de intervalo. O cinza pós-chuva a esta hora do dia proporciona uma iluminação incrível para minhas fotos.

Clique, clique, clique.

Fotografo as partes dos veículos de perto, enquadrando a promessa de potência e movimento. Escapamentos salpicados de chuva, discos de freio, pinças de freio. Essas motos reluzentes devem pertencer a algum tipo de clube. *Millie*, a Triumph Bonneville restaurada do nosso avô, com a qual Orion foi para a faculdade hoje, se encaixaria perfeitamente entre todos aqueles logos polidos e couros macios. Nada tem o mesmo som dessas máquinas; *Millie* é uma cadela irritada que ama latir.

É apenas quando paro a fim de verificar o cartão de memória que o horário nas fotos me alerta. Meu Deus, estou atrasada. Eu deveria estar de volta à *Maxwell's*, para terminar as tortinhas de morango, há vinte minutos. É um milagre Lila não ter começado a me enviar mensagens há dezenove minutos e meio.

Por sorte, não estou longe. Caminho rápido, segurando minha Canon DSLR. Levo ela para quase todo lugar e geralmente sacrifico meu horário de almoço para fotografar coisas ao longo da High Street. Quando a vovó me deu a câmera, um ano atrás, esperava que eu encarasse como um hobby divertido, mas ela acabou se tornando meu mundo. A lente guarda um pouco do que não consigo carregar dentro de mim. *Apontar e disparar. Capturar. Reenquadrar.* O estojo protetor preto aprisiona os segredos que mancham meus dedos, assim como os tingem as caldas de frutas que Lila e eu fazemos. Mais cedo ou mais tarde, vou lidar com o que escondi. E, ainda por cima, tem o e-mail do *Greenly* na minha caixa de entrada desde ontem... vou lidar com isso também. Desta vez, quero falar. Quero compartilhar sobre a mamãe. Mas dois meses não foram suficientes para aliviar o aperto na minha língua, tampouco a névoa que me enche a cabeça. Não sei como fazer o que estão pedindo.

Guardo a ansiedade de volta no lugar a que ela pertence, mas meu estômago dá uma guinada por outro motivo quando viro a esquina com a Jewry Street. A fila da *Maxwell's* está monstruosa. Abro espaço entre os clientes ansiosos, guardando a câmera e procurando meu avental na prateleira de suprimentos. Perplexa, dou uma olhada em mim mesma e, *caramba*, eu sequer o tirei quando saí para almoçar. A frente dele está manchada com compota de morango, e devo ter passado a impressão de ser uma cena de crime ambulante.

— Desculpa! Eu sei, eu sei, eu sei — digo para Lila Reyes quando ela espia para fora da cozinha. Pego um pano e tento parecer produtiva.

— Não se preocupe, *cariño* — responde ela lá de trás. — Já separei a versão confeitaria de burpees e agachamentos para você.

— Claro que separou, e eu adoro! — Prefiro mil vezes o aborrecimento dela do que qualquer tipo de condescendência insípida. Sei como lidar com um pouco de irritação.

Lila se aproxima e me lança um sorriso enorme. Ela usa uma bandana que cobre o rabo de cavalo marrom e uma dúzia de papéis que desempenha: chef e padeira cubano-americana; expatriada de Miami; graduada na *Le Cordon Bleu*; a garota que ama Winchester quase tanto quanto ama meu irmão e a quem eu amo como uma irmã.

Ela está carregando uma bandeja de *scones* de mirtilo, que eu logo passo para a vitrine de doces que substituiu nosso antigo balcão de degustação de chás. Um suspiro de apreço ecoa pela loja; aquelas tortinhas provavelmente vão esgotar em minutos, enquanto os clientes pegam seus pacotinhos de *English Breakfast* e *Darjeeling* semanais. Fazer uma parceria com Lila para adicionar uma miniversão da panadería cubana da família dela à loja foi a melhor decisão que papai tomou em anos.

Estamos reabastecendo as bandejas de *Chelsea Buns* e biscoitos amanteigados cubanos quando batidas soam na janela de delivery. Nela há uma placa: *Fechado, por favor, vá até a entrada principal*.

Me viro de um salto. Nosso amigo Gordon Wallace está encostando o rosto corado no vidro.

— Sério? Ele vai derreter se ficar na fila normal?

— Ah, ele já tentou essa palhaçada enquanto você estava no seu intervalo prolongado. Eu o enxotei — diz Lila, correndo na direção de um temporizador de forno apitando.

Dou um passo pesado até lá, pego na tranca da janela e a deslizo.

— Você! — Aponto para Gordon, que tem a audácia de parecer ofendido. — Sim, *you* vem jogando pedrinhas nesta janela há dias, como uma versão ruiva de Romeu.

A janela de delivery na lateral externa da loja foi a última ideia de Orion para permitir que os clientes pegassem um lanchinho rápido. Algo só para a Lila. Lá fora, há uma marquise elegante e uma placa com o menu do dia escrita a giz. E um Gordon inclinando o torso sobre o balcão baixo. Ele veste uma camisa xadrez com as mangas arregaçadas. Os tons de azul e verde ornaram com o cabelo avermelhado, preciso admitir.

— Você não pode me culpar por curtir a novidade da sua lanchonetezinha — diz Gordy, deslizando o vidro da janela para frente e para trás, com fascinação infantil. — Foi bem construído, isto aqui — murmura. Quando chego ao limite da carranca, ele para e dá uma risada contida. — Ah, e eu gostaria de um *Chelsea Bun*. Por favor — acrescenta, como se fosse grande coisa.

— Você vai pagar com dinheiro de verdade e não peças de algum jogo?

— Ou você pode colocar na minha conta.

Deus me ajude. Eu recuo, pego o pãozinho e até o embrulho com cuidado.

— Que conta? — pergunto, entregando o doce para ele. — Você geralmente consegue seu lanchinho de graça porque a Lila é mais legal do que eu.

Gordon arranca um pedaço do pão. Enfia na boca e se desmancha de êxtase.

— O que isso diz sobre você se uma garota com *South Beach*, *café cubano* e *guayaba* correndo em suas veias é a mais legal que você?

Sendo meio venezuelano e parente distante da Lila, ele pronuncia as partes em espanhol corretamente. Lila veio para Winchester há três anos porque sua prima distante e tia de consideração — a mãe do Gordon — mora aqui. Os Wallace foram o motivo inicial para termos a Lila conosco hoje em dia.

Antes que eu consiga rebater com algo inteligente, Gordon me encara.

— Qual é. Você é legal o suficiente. Uma boa amiga também.

Mordo o lábio, sentindo o sabor residual do brilho labial de baunilha.

— Não comece a agir todo sentimental comigo. — *Especialmente depois do que perdi. Posso desmoronar. Não seja tão gentil; eu não mereço.*

— Jamais. — Ele levanta o queixo. — Bem, vou indo, então. — Ele começa um grande teatro para se afastar, seus movimentos desengonçados e exagerados enquanto recua. Tudo o que falta é uma fantasia de bobo da corte.

— Flora?

Me viro. Enquanto outros funcionários cuidam da fila, me junto a Lila em frente a um *tablet* onde ela planeja os itens do cardápio.

— Para amanhã, estou pensando em pães de *brioche* e de *fermentação natural*. Além de *scones* de cereja com chocolate e bolos *tres leches*. Também estou com vontade de fazer uns *mille-feuille*.

Mil folhas. Lila vai fazer essa delicada iguaria francesa, um tipo de torta *napoleão*. E eu vou ajudar com o resto.

— Posso fazer mais massa de pastel?

Ela faz um sinal de positivo e sai para preparar uma xícara de chá para si mesma.

A caminho da cozinha, meu coração para quando dou de cara com uma *RATAZANA!* Grito e solto uma série dos meus palavrões favoritos. Bastou eu esquecer a janela do delivery aberta e ela passou.

Mil coisas acontecem no espaço de três segundos a seguir.

A fila da loja entra em pânico. (Desculpe, pessoal.) Toda a High Street certamente me ouviu. E, assim que Lila corre até mim, olho mais de perto e vejo que a criatura não está se movendo. Com uma recém-descoberta coragem misturada com vergonha, pego a ratazana nojenta, realista e totalmente *falsa*, segurando-o pelo rabo

de borracha. A fila agora está rindo. (De nada, devo fazer uma reverência?)

— Gordon! — grito pela janela.

Depois de anos de pegadinhas, esta brincadeirinha poderia muito bem vir com o nome de Gordon Wallace assinado. Mas hoje ele vai ver só uma coisa. Me viro para Lila, já tirando o avental.

— Sei que tem muito trabalho, e eu me atrasei, mas...

— Hum, claro que não. Melhor você correr, *chica* — diz Lila.

Dou um sorriso perverso, jogo o rato para Lila e saio correndo.

A fila abre espaço com suspiros e grunhidos.

— Dá um jeito nele. Eu não deixaria esse desaforo pra lá — um de nossos clientes regulares grita quando chego à calçada.

Ou Gordy ficou mais rápido conforme se tornou mais alto e musculoso nos últimos anos, ou ele tem cúmplices. Nem um fio de cabelo ruivo à vista. Depois de um momento de hesitação, saio correndo pela rua lavada pela chuva em direção à loja de artigos usados. A dona, Victoria, está varrendo a entrada. Ela me vê chegando e pausa sua tarefa quando paro com uma freada brusca.

— Gordon? — pergunta ela, lendo minha mente. Quando assinto, furiosa, ela dá uma risada e aponta com a vassoura. — Por ali. Saiu como um gato selvagem.

— Obrigada, V!

Claro que ele escolheria a movimentada High Street. Muitos lugares para se esconder e vários pedestres e bicicletas para desviar. Serpenteio pelo caminho, pulando poças e captando ecos entusiasmados do meu nome enquanto passo.

— Ei, Flora!

— Ela é pequena, mas é rápida!

— Alguém se ferrou agora!

Como cresci aqui, conheço quase todo mundo. Respondo a cada um com um aceno ou um punho erguido.

Duas ruas adiante, a faixa que prendia meu cabelo escapa. Meus cachos loiros vão se estufar como massa de pão, absorvendo os resquícios de chuva e vento.

Por instinto, corro até chegar a um prédio revestido de pedra com uma porta azul-cobalto — a empresa de arquitetura onde Gordon estagia. *Sonder, Fagan e Michl*, diz a placa sobre a entrada. Entro com tudo, fazendo um sino soar.

O Sr. Fagan, sócio-fundador, sai do meu caminho.

— Minha nossa, senhorita!

Ofegante, obrigo meus pés a pararem.

— Ops, desculpe. — Olho para a esquerda, para a direita, então para a esquerda de novo. Abaixo meus cachos com as mãos, encolhendo-me com os resquícios de chuva neles. — O Gordon passou por aqui agora?

— Desculpe, não vi.

— Certo. Obrigada mesmo assim — digo, irritada com meu instinto por ele estar errado. Dou dois passos antes do zelador, Oliver, sair da sala de reunião e me chamar.

— O Gordy *esteve* aqui há uns vinte minutos. — Oliver tira um objeto do bolso e me entrega. — Disse que você poderia aparecer e então eu deveria te dar isto.

Fico boquiaberta. Estou segurando um minúsculo bibelô de coruja dourada. Uma pista — uma tão estúpida de fácil. Então Gordon *quer* que eu o encontre? E ele não só sabia que eu pararia aqui; *ele* parou aqui primeiro a caminho da loja de chá. Que diabos está acontecendo?

— Obrigada, Ollie. Acho. — Alcanço a maçaneta da porta de saída.

Agora tenho certeza de que Gordon está esperando que eu corra para a pousada da família dele, a *Owl and Crow*. Que fofo, Gordy. E aposto dez libras que Oliver enviou uma mensagem dizendo que eu

mordi a isca. Por que não ir com calma e fazer Gordon pensar que desisti da vingança? Deixá-lo suar um pouco?

Mudo de direção e começo a caminhar, a corujinha dourada presa no meu punho cerrado. Desta vez, realmente olho para onde estou indo. Mil fotos não capturadas se enquadram, provocando minha imaginação. Ando por aqui desde que era garota. Consigo me localizar de olhos fechados por estes paralelepípedos acinzentados e ruas estreitas. Da Primark à Waterstones, até a loja de sabonetes artesanais que Lila e eu adoramos visitar.

Mas o movimento nesta rua é novo a cada dia; a vida e as pessoas mudam. Só minha câmera pode capturá-las como são, ou como eu quero que sejam. Quando estou tirando fotos, as pessoas me deixam em paz. Gosto disso. E elas não sabem que, às vezes, não estou tentando preservar um momento, mas mudar a aparência das coisas. Um palco digital onde eu escolho os atores, decido quem canta, dança e ama. E quem vive.

A vida não é nem um pouco assim.

Pego o caminho mais longo ao redor da Catedral de Winchester até o bairro de St. Cross. Minha família também mora por aqui, a alguns minutos da Pousada *Owl and Crow*. A família do Gordon mantém o gramado do edifício de estilo georgiano mais aparado que a maioria dos parques. E a Lila ainda é vizinha de corredor do Gordon no apartamento da família Wallace no terceiro andar, três anos depois que uma visita de verão se transformou em um novo lar.

Virando a esquina, é impossível não notar a imponente estrutura de tijolos. As rosas estão em plena floração, mas não são cheirosas o suficiente para mascarar o cheiro do garoto esperando na frente.

Paro. Nossos olhares se encontram, e estou imaginando todas as maneiras de...

— Muito bem! — grita Gordon, brandindo uma toalha de mão branca. Cristo.

Muito bem? Cerro a mandíbula e avanço depressa, bandeira branca ou não. Quando estou perto o suficiente, arremesso a corujinha direto nele; de maneira irritante, ele a pega.

— Droga, Wallace! — rosno.

— Espera, espera, espera. — Ele estica os braços para se defender.

— Seu...

— *Espera*, então. — Ele invade meu espaço pessoal como se fosse seguro. — Se em dez segundos você ainda quiser me bater com outros objetos, serei uma estátua.

— Não só eu, seu idiota. A Lila pode ser ainda pior, porque temos trabalho a fazer e você me arrastou para o meio de uma brincadeirinha idiota.

— Precisava te trazer aqui de algum jeito. Você não viria para cá logo de cara porque é óbvio demais. Tive que planejar isso. — Ele balança a corujinha.

Minhas sobrancelhas se franzem, e mais uma vez odeio que ele esteja certo.

— E eu discordo quanto à Lila. — Um sorriso surge no canto da boca dele. — Em um minuto você vai entender por que ela te deu o resto do dia de folga.

— Seus segundos acabaram.

— Eu sei contar, Cachinhos. — O apelido que Gordon inventou para mim envolve sua língua como o meu cabelo encaracolado que o inspirou. Ele me guia ao redor da pousada até o vasto jardim e a área de recreação dos hóspedes.

E... *Ab!* A princípio a cena diante de mim parece maravilhosa e aquece meu coração. Mas a culpa raramente vem sozinha. Ela bagunça outros sentimentos bons o tempo todo. Nubla-os como este céu carregado. E não quero pensar no que estou pensando enquanto caminhamos pelo gramado, mas não consigo evitar.

Não seja tão gentil. Eu não mereço.

Um piquenique. Gordon preparou um piquenique surpresa — meu jeito favorito de comer qualquer refeição. Tendo em mente o casamento de sua irmã Pilar, Lila sempre brinca dizendo que minha futura festa de casamento seria um piquenique gigante com petiscos e as pessoas sem sapatos. A versão de Gordon é um cobertor xadrez verde, uma cesta e um cooler fofo com meus refrigerantes favoritos gelando.

Meu coração se parte e sinto meu rosto se contorcer mesmo enquanto a culpa me sufoca por dentro.

— Isso é tão... Quero dizer, o que exatamente *é* isso?

Gordon cutuca meu braço.

— Hum, estamos comemorando? Você esqueceu que terminou as suas provas... o quê, quatro dias atrás?

Esquecer daquilo? Impossível. Terminar os últimos exames A-level, necessários para ingressar na universidade, só acelera ainda mais o relógio do meu futuro. *Vai em frente! Vire alguém com um futuro!* No ano passado, quando a maioria dos meus colegas estava se matriculando na universidade, minha família insistiu que eu considerasse um ano sabático antes de tentar ingressar em algum lugar; todos suspeitávamos que estávamos enfrentando os últimos dias da mamãe, e infelizmente estávamos certos. Mas... agora? Tenho até

novembro para escolher um curso e me matricular para o próximo ano, ou perderei a generosa bolsa que meu irmão batalhou tanto para garantir para mim.

Seis meses atrás, Orion me indicou para uma bolsa de oito mil libras para filhos de pais com doenças crônicas. Fui escolhida entre muitos candidatos. Graças à minha história. Por outro lado, preciso entrar em um curso universitário para usá-la. E meus dias estão se esgotando.

Quatro meses para definir *o quê*, e até *quem*, eu quero ser. Fácil para alguns, mas quando é que as coisas foram fáceis pra mim?

Um corvo grasna e eu volto à realidade, para o meu amigo. Ele está torcendo os dedos como se estivesse preocupado por ter estragado tudo. *Meu Deus, Gordon. Não foi você quem fez besteira.*

— Olha, obrigada, cara. De verdade — digo, empurrando-o de leve. — Vai me mostrar a comida que trouxe para me fazer esquecer da pegadinha que acabou de me pregar? Estou faminta.

Ele sorri, e nos acomodamos no cobertor.

— Claro que está, porque você nunca come direito nos intervalos. A não ser uma barra de cereal ou algo que possa engolir enquanto tira fotos. — Ele abre a cesta e tira dois potes de comida para viagem da Taberna Bridge Street. — Peixe e batatas fritas são suficientes para manter minha cabeça fora do seu prato?

— Hmmm. — Abro a tampa e encontro uma fritura perfeita. Pego uma batata crocante, depois outra. — Essa sua cabeçona não caberia em nenhum prato mesmo.

Ele explode numa risada.

— Justo. Eu mereci isso — diz, ficando sério o suficiente para traçar um olhar firme entre nós. Minha garganta entala, e eu olho para outra direção.

Como um dos meus amigos mais antigos, Gordon Wallace sempre teve um arsenal de truques mágicos para me fazer sorrir e rir. Até recentemente.

Humor é simplesmente o que Gordon faz; é quem ele é, sob toda aquela pele corada que carrega uma pitada suficiente da América do Sul para pegar um bronzado no verão. Ele é a brincadeira que está sempre por perto, o truque espertinho. Do tipo bom, porém. Gordy sempre foi quem me levava para casa quando me achava um pouco bêbada demais, um pouco tarde demais.

Mas ser amiga desse garoto é mais que isso. É como ele entorta o maxilar enquanto rouba meu potinho de molho de curry — de novo — porque ele nunca pede um para ele. É a obsessão com aquela notificação de mensagens com som de latido de cachorro que ninguém mais que eu conheço usa.

Mas também é o jeito que podemos simplesmente *ser*. Apenas existir, comendo em nosso silêncio fácil e companheiro.

Quando só restam manchas de gordura, Gordon guarda os potes e esfrega as mãos como um gafanhoto ruivo. Com um floreio digno de um show de mágica, ele tira uma caixa de confeitaria e a bandeja de porcelana da mãe dele da cesta.

— Tão chique — digo, mas então meu estômago embrulha quando ele abre a tampa, revelando uma dúzia de petit fours variados. Eles são mais arte que comida. Flores intrincadas desabrocham em cores pastel. — Coisa da Lila?

— Quem mais? — responde ele, começando a arrumar os delicados doces na bandeja. — Pedi a ela algo exagerado. Ela mandou bem, né?

O trabalho, o *pedido*, de repente tudo isso parece demais. Faço um gesto com a mão.

— Tudo isso é incrível, mas você não... precisava.

— Flora — diz ele, com um lampejo de mágoa nos olhos âmbar.

Mas eu não mereço coisas bonitas quando fiz coisas tão feias em segredo. *Talvez um dia, mas não hoje.*

— Não é que tudo isso não seja lindo.

Ele suspira.

— Escuta, não é só sobre as suas provas. A pegadinha e as comidas especiais... eu queria fazer algo só para você. Nos últimos tempos, você sentiu algo além da dor do luto?

— Se eu admitir isso, você acha que a Lila não vai colocar aquele rato no seu chuveiro quando você menos esperar?

— Não tem chance de isso não acontecer — responde Gordon quando o céu se abre e a chuva, sem educação alguma, invade nosso piquenique. — Ah, droga! Vamos!

Nós nos apressamos, juntando tudo do gramado. Gordon corre na frente para dentro da pousada, protegendo os doces preciosos. Eu me esquivo do aguaceiro e o sigo pela porta lateral da cozinha. Como é alta temporada, ruídos aleatórios e conversas de hóspedes ecoam pela vasta propriedade. Preparo um chá da Maxwell's, e Gordy arruma os biscoitos na enorme ilha no meio do cômodo com um quê comercial, mas ainda assim aconchegante.

— Você fica com o da flor de cerejeira, é claro — fala Gordon, me entregando o primeiro petit four. Faço uma careta indecente ao experimentar o meu favorito de framboesa e limão sob o glacê rosa.

Gordon pega um com uma margarida e devora em uma mordida, o que é bem a cara dele.

Ainda assim, encaro-o com uma carranca.

— A comida da Lila deve ser saboreada. Como um bom vinho, ou uma pintura, ou um...

— Um beijo.

Quase cuspo chá quente no meu suéter.

— Não era isso que eu ia dizer.

— Era, sim. Eu sei dessas coisas.

— O quê? Quando eu já falei com você sobre beijos? — pressiono.

— Seis meses atrás, por exemplo — responde ele de imediato.

— Não me diga que esqueceu aquele cara, o James, e sua língua

viajante. Que acabou viajando mais do que você consentiu, aquele canalha.

Minha memória se ativa, e eu murcho soltando um grande suspiro.

— Ah. Verdade. Ele era um canalha.

Satisfeito, Gordon assente. Ele a inclina em um ângulo agudo.

— E para quem você mandou mensagem dizendo “*Socorro, estou presa em um encontro horrível com um idiota*”?

— Para você — resmungo.

Ele aponta para mim, segurando seu próximo biscoitinho.

— Pois é. E eu corri trinta minutos até aquele clube em Portsmouth.

Meu coração amolece com a nostalgia.

— É verdade, né? Minha fuga pela janela do banheiro foi uma das minhas melhores performances também. Mas ainda assim, não falamos de fato sobre beijos.

— Falamos, *sim*. Você estava bêbada demais para se lembrar. — Minhas sobrancelhas se franzem, mas ele continua. — Você deitou o assento do carro e ficou ali aninhada o caminho todo até em casa. Achei que precisaria carregar você roncando.

— Eu não ronco.

— Claro que não. — Ele estende a mão. — Enfim, você falou sobre o ritmo do beijo dele, nível baile da escola, e as frases vergonhosas. E como a língua dele alternava entre limpador de para-brisa e batedeira. — Ele ri, dando um passo à frente. — Quase saí da porcaria da estrada. Mas aí você disse que ele começou a mexer no seu vestido. Coisa que você *não* estava a fim.

— Nossa. *Estou* me lembrando de mais partes. Por favor, me diga que eu te agradeço?

— Ah, você resmungou seus agradecimentos umas dez vezes entre Portsmouth e a sua casa. Mas a história para contar foi a mi-

nha melhor recompensa. A Lizzie ficou tão entretida que compen-sou 100% eu ter que sair.

Minha próxima respiração falha.

— O quê? — Gordon namorou Lizzie, colega futura arquitetura e estudante da Universidade de Portsmouth, por uns dez minutos há um tempo. — Você estava em um encontro?

Ele amassa as embalagens da comida e os joga na lixeira do outro lado da cozinha.

— Sim, mas não era um show nem nada do tipo. Só um rolê de última hora na Bridge Street.

— Mesmo assim! Você deixou a Lizzie e dirigiu aquele caminho todinho para me tirar da encrenca? — Quando ele encolhe os ombros, eu continuo: — Por que você não mandou eu me virar e chamar um Uber?

— E se o motorista fosse um esquisito? Você estava bêbada.

Brinco com um fio solto do meu suéter.

— Sim, mas você estava *com* a Lizzie. Isso não significa que ela tem...?

— O quê? Tipo prioridade do meu tempo? A Lizzie foi para casa, mas ela estava segura, ok? — Ele para, balançando a cabeça.

— Não pensei muito além do seu pedido de ajuda.

E ele foi, largando tudo e todos. Tão simples e complicado assim.

Meus olhos brilham com a revelação de Gordon. Balanço a cabeça sem saber o que fazer, meu coração agitado como se tivesse acordado de um longo cochilo. Parte de mim quer ousar sentir algo além de arrependimento, mas o resto me lembra que tantas coisas que já fiz com boas intenções deram errado. *Você não pode arriscar mais.*

— É tão difícil assim de acreditar? — murmura Gordon.

Quase perco o equilíbrio. Já tive tantas conversas com esse garoto. Agora, luto para encontrar as palavras certas como se estivéssemos falando uma língua estrangeira.

— Eu...

Ele para na minha frente.

— *Você* parou para pensar por que mandou mensagem primeiro para mim?

— Você é a minha primeira escolha. — *Isso* é o que falo sem pensar, mas minha mente instantaneamente busca uma opção mais segura. — Eu sabia que você não contaria ao meu pai e que encontraria um jeito de melhorar a situação. Você transformou uma noite péssima em algo divertido e até engraçado. Como sempre.

— Como sempre, hein? — A expressão dele escurece. — Mas não agora. Parece que você está prestes a chorar. E lá fora você estava claramente incomodada com algo.

Encolho os ombros, admitindo; não adianta esconder tal fato desse amigo. Ele já entende muito do que venho lidando desde maio — que não consegui falar no velório da mamãe, por exemplo. Foi Gordon quem me encontrou no cemitério ao lado da pousada e simplesmente me abraçou quando desabei. Ele aguentou o pior de mim como uma fortaleza. Ainda assim, ele não pode saber todas as coisas que enterrei. Ninguém pode.

A mensagem na minha caixa de entrada é algo que posso revelar, no entanto.

— Isso chegou ontem — digo, entregando meu telefone a ele.

Gordon examina o e-mail de Kathleen do Centro Greenly.

— Nossa, que homenagem linda para sua mãe. O nome dela sendo colocado em uma ala inteira? — Depois que eu assinto, ele estreita o olhar e se senta na ilha. Dá um tapinha no espaço ao lado dele. — Mas isso claramente está te perturbando. Quer falar a respeito?

Tento me juntar a ele, mas a ilha da cozinha é *um pouco* alta demais para eu pular.

— Vem cá, Cachinhos. — Ele me levanta e me coloca ao lado dele. Já nos sentamos assim em bancos de parques, e na Millie com

ele gritando desesperado para eu diminuir a velocidade (nunca obedeço), e em mesas de pubs ouvindo a banda da nossa amiga Jules.

A leveza de todos aqueles dias me atinge. Meus olhos marejam agora. E talvez seja por *isso* que eu conto a ele. Se não contar, vou explodir.

— Eles querem que eu faça uma homenagem com histórias e memórias. E eu realmente quero fazer isso... a mamãe merece. Minha família também, e isso os deixaria orgulhosos. — Depois de anos sendo chamada de atrasada. Irresponsável. Inconstante. — Mas não quero estragar tudo na frente de todo mundo, e não sei o que fazer. Não faço ideia. — Olho para ele, e ele pega minha mão, seu olhar com uma suavidade gigantesca. — É como se eu não conseguisse fazer nada do jeito certo. Quero dizer, olha para mim! Já escolhi um curso, mesmo que meu pai e o Orion tenham tentado me “incentivar” a cada segundo? *Não*, porque não consigo me decidir. Pior, não consigo nem *ver* um futuro para mim mesma. — Sacudo a cabeça com força. — O que não consigo parar de ver é o velório. Aquele dia. Literalmente todo mundo falou, mas eu fugi.

Suor e calor se acumulam entre nós, e minhas lágrimas escorrem. Gordy encontra um lenço (porque ele sempre tem tudo).

— Ei. Todo mundo entendeu a sua reação. O seu luto. — Ele dá de ombros. — Bem, talvez depois que a Lila e eu lançamos olhares mortais para a sala, calando os outros antes que começassem a fofocar. Antes de eu ir atrás de você.

Ele me puxa para perto, me encaixando no vão entre seu ombro e peito, e o farfalhar do algodão ali.

— É mais que não saber o que dizer. Eu não mereço fazer essa homenagem. De ficar lá em cima — digo no ombro dele. Há uma verdade maior envolvida na minha afirmação, um fracasso maior que atingiria esta pousada como um tufão, arrancando seu telhado. Me afasto, respiro para afastar o pensamento até minhas pálpebras

relaxarem e meu pulso bater tão fraco que me pergunto se ainda está lá.

Gordon se afasta, tensionando o queixo.

— Você é quem eles querem. Greenly é um lar para mães adolescentes que não estão seguras com suas famílias. Sua mãe tocou piano, levou chá e simplesmente ouviu as garotas, por anos. Agora elas querem ouvir você porque a sua voz importa. — Ele aponta. — *Você* é a filha de Evelyn Maxwell.

Assinto, com os lábios curvados para baixo. Mas o que significa ser essa garota? E o que devo fazer com ela?

Gordon me dá o último petit four, com um desenho de palmeira inspirado na amada Miami de Lila.

— Você vai dar um jeito em tudo isso — garante ele. — Sei que vai, porque você é incrível. E novembro ainda está um pouco longe. Você vai escolher seu curso na universidade e aproveitar essa bolsa ótima também.

— Certo — digo, desejando que as coisas boas que os amigos dizem sobre você se tornassem verdade automaticamente. Desejando que a amizade e a vida funcionassem assim.

Ele cutuca de leve meu joelho.

— Tem algo... mais que eu queria dizer. Tudo bem? — Atordoada, com a mente girando, assinto. — Já mencionei isso antes... que meu curso exige horas de serviço e estudo em um lugar com arquitetura notável. Eu quis planejar tudo certinho, mas deixei tanto de lado que não consegui a vaga que eu tanto queria na Flórida. O diretor do programa me ofereceu uma em São Francisco. Ainda não aceitei.

— Nossa. Califórnia?

— Sim, mas com uma palavra sua, posso adiar facilmente até depois do próximo semestre. Para ser honesto, estou inclinado a fazer isso. É por isso que não decidi. — Ele aperta um pouco meus

antebraços. — Eu poderia ficar e estar aqui para você. E com você. Com Jules e a banda em turnê o verão todo, e com a Lila ocupada na loja, não queria que você ficasse sozinha. — Ele pisca uma vez, depois outra. — Na verdade, eu queria que você ficasse algo além de não sozinha, e talvez nós...

Meus ouvidos zunem.

— Você não ouviu o que acabei de dizer? Que estou com dificuldade para planejar meu próprio futuro? Agora você está me pedindo para decidir o seu?

— Não é isso. É mais tipo... Deus, você realmente não faz ideia, faz? — sussurra.

Meu estômago embrulha. Eu deveria ser capaz de decifrar essa situação — ele — melhor. Palavras não são difíceis. Mas em algum ponto entre Gordon e eu, elas explodem em mil estrelas cadentes sem lugar para aterrissar.

Ele abaixa a cabeça, falando para o veio da madeira marcado com farinha e sal.

— Naquele dia, mesmo se eu estivesse em um show caro, teria ido te buscar.

Um som fraco e agudo preenche o espaço; percebo que escapa de mim.

— Não sei o que dizer. — *Preservar, proteger, porque está tudo de cabeça para baixo.* — Você acabou de jogar um rato pela janela do lugar onde eu trabalho.

— Você acha mesmo que eu estou de brincadeira agora?

Engulo em seco.

— Eu te falei, não sei nem o que é que eu estou fazendo comigo mesma.

Ele desce do balcão. Solta um suspiro áspero.

— Não quero te apressar. Não é isso. — Seus olhos castanhos estão incandescentes. — É só que, antes de ir ou ficar, eu queria te

falar essas coisas. Juro que não teria dito uma palavra se não achasse que você queria, ou que não pensasse que você poderia sentir...

Que eu poderia *sentir*? Quando nem reconheço mais a palavra? Perdi o direito de olhar com mais profundidade para meus sentimentos.

Claro, meus olhos ainda funcionam. Dou uma espiada em Gordon, e ele é... Ok, ele é muito bonito. Ele tem uma boa aparência... mais que boa. Não sei quando ou como isso se tornou tão verdadeiro. O contorno esculpido do maxilar e a boca mais madura, os ângulos mais amplos e traços mais marcados, o cabelo cortado, mas com um quê despreocupado, em uma paleta artística de tons de ruivo profundo.

O problema não é o que estou vendo; o problema é que vou machucá-lo. Com todas as minhas mentiras e segredos, vou machucá-lo assim como fiz com todo o resto. Ultimamente, isso sempre parece acontecer quando tento me amar e me proteger. Por que Gordon teria um fim mais seguro?

Uma verdade *posso* admitir: não sei tudo o que vive no meu coração. E estou aterrorizada que, se der uma olhada um pouquinho mais cuidadosa, vou arruinar qualquer coisa boa que encontrar lá.

— Não sou coisa boa no momento. Um desastre — digo a ele, minha voz áspera. — Você ficará melhor se mantiver distância. Deveria ir para São Francisco.

Três segundos eternos passam.

— Essa é sua resposta, então?

— É o melhor. Vá fazer o seu estágio.

— É, acho que vou mesmo. — Ele se vira, como se não suportasse me ver, e marcha até a porta de vaivém. Estou tremendo quando ele para com uma mão na superfície de madeira, balançando a cabeça. Seus olhos estão vermelhos. — Esquece aquele maldito rato de borracha. Desta vez, *eu* fui a piada.

3

Antes que meu pai diga uma palavra, fica claro que ele quer falar sobre o piano.

Algumas horas se passaram desde que cheguei da pousada. Onde Gordon saiu batendo o pé, e eu recebi o que merecia. Sinto uma sensação de justiça, uma satisfação mórbida, sobre como as coisas acabaram. Mas enquanto a memória da nossa conversa se repete, a parte de dentro da minha cabeça lateja e dói.

Meu pai parece estar lidando com um peso similar. Ele se senta no banco de couro como se estivesse descansando muito mais que apenas o corpo. Aparentemente, é hora de encarar o que ele nos pediu para “pensar, apenas pensar” depois que a parte da mamãe no Fundo Familiar Phillip e Evelyn Maxwell foi lida em maio. Orion ganhou o anel de noivado dela, e eu fiquei com o relógio Cartier de aniversário e a aliança de ouro. Orion herdou os livros de primeira edição dela.

Mas o piano é a parte complicada.

O Bösendorfer preto encostado na parede da escada pertencia à mamãe desde a infância. Ela era boa nisso e tentou fazer com que ambos os filhos levassem seu dom para a próxima geração. Nós tentamos, mas as habilidades musicais não são bem a praia de nenhum de nós dois.

Quando o testamento foi lido, descobrimos que papai estava guardando um segredo. Mamãe, com seu coração filantrópico, queria que seu piano fosse para mãos que o tocariam — especificamente as garotas e funcionárias do Centro Greenly.

Papai não havia nos contado antes, e ele chorou naquele dia em maio quando o assunto veio à tona. Ele se emociona agora enquanto passa a mão pelo acabamento fosco de ébano.

— Venho adiando este momento. Ela era tão firme em seu plano, mas é um pedido grande para nós.

— Mas com a nova área comum do Centro Greenly inaugurando em outubro, precisamos decidir — diz Orion do seu lugar no sofá entre Lila e eu.

Meu pai olha para nós, dois loiros e a morena que extraoficialmente nos fez voltar a ser uma família de quatro pessoas.

— Não quero ir contra sua vontade. Mas este piano é uma parte dela, e eu jamais roubaria isso de nenhum de vocês. É por isso que quis que pensassem. — Ele esfrega o rosto. — Podemos sempre doar um piano de segunda mão para a área comum. Não seria exatamente o desejo dela, mas o espírito é o mesmo.

— Eu tenho pensado. E conversado com a Lila sobre isso. — Orion se inclina para a frente, curvado sobre as coxas. — O piano era uma parte da mamãe. Mas o jeito que ela cuidava dos outros e nunca perdia uma semana visitando o centro... essa é a parte que vou lembrar mais. — Seus olhos marejam, e Lila enterra o rosto no ombro dele. — Essa memória ficará comigo onde quer que eu vá. Então não se prenda a ele por minha causa. — Ele me indica com a cabeça. — Embora eu goste da ideia de ser um presente, ainda acho que a Flora deveria ficar com ele.

Meus olhos se arregalam.

— Acha? — Quando meu irmão concorda com a cabeça, acrescento: — E se eu me sentir igual a você? Que tenho muitas relí-